

EDITORIAL

A FORÇA DOS ANIMALISMOS E DAS ECOLOGIAS FRENTE ÀS RUÍNAS DO CAPITALISMO

O presente dossiê tem como inspiração o II Colóquio *Hegel, Marx e a Contemporaneidade: crise ecológica e pontos de ruptura*, que aconteceu na Universidade Federal do Paraná (UFPR/Brasil), de 5 a 8 de novembro de 2024. Nesse encontro, tratamos de temas ligados à problemática ambiental e animal, abordando conceitos e questões como “natureza”, “meio ambiente”, “crise ecológica”, “revolução”, “metabolismo”, “necessidade-liberdade”, “matéria-espírito”, “animalismo”, “espectralidade”, “cosmos”, “pós-humanismos”, “Antropoceno”, “Capitaloceno”, entre outros.

Nossa intenção foi a de pensar a crise ecológica e animal no enfrentamento do Capitalismo tardio. Assim sendo, colocamos em tensão a separação entre ciências da natureza e humanidades ou os modos de pensamento não-Ocidentais, bem como a separação antropocêntrica entre Humano, Meio Ambiente e Animal.

O Colóquio HMC proporcionou a discussão entrecruzada entre Hegel e os hegelianismos, Marx e os marxismos, as filosofias pós-estruturalistas e as filosofias da diferença. Além disso, nosso encontro promoveu o intercâmbio entre a filosofia e outros campos do saber, como a biologia, a educação, a ecologia, a antropologia e a economia.

O segundo volume de 2025 da RLECA faz eco à segunda edição do HMC a partir da problematização da força dos animalismos e das ecologias frente às ruínas do Capitalismo. Essa força diz respeito à resistência atinente à *práxis* animalista e ecológica que visa desmobilizar as injunções do imperialismo no que se refere aos massacres propagados contra povos humanos e mais-que-humanos. Então, o problema que precisamente norteia nosso número é: o que podem os animalismos e as ecologias frente às ruínas do Capitalismo?

Sabemos que a modificação radical de nosso tempo depende de uma experiência de comunidade não antropocêntrica e de ações éticas, mas também

A força dos animalismos e das ecologias

Anahí Gabriela González, Cassiana Lopes Stephan, Polyana Tidre e Julieta Campos

de projetos políticos que não coadunam com as veias abertas do imperialismo, cuja vontade de poder, além de estruturar as dinâmicas de opressão social que arquetam a insegurança alimentar, a insegurança sanitária e a violência proprietária vinculada à moradia, também estruturam nossas vidas psíquicas. Uma modificação radical parece depender, portanto, de uma transformação profunda na maneira pela qual concebemos e nos relacionamos com os outros animais e os meios-ambientes.

Com isso em mente, abrimos nosso dossiê com o artigo **Capitalismo e esquizofrenia: desejo, crise climática e neoliberalismo**, de Ádamo da Veiga, que nos permite pensar tanto a dimensão planetária do capitalismo, quanto sua dimensão subcutânea no que se refere à captação do sexo, do desejo e dos afetos.

Em seguida, deparamo-nos com **Fricciones y asambleas: explorando alianzas y entrelazamientos multiespecie en las ruínas del capitalismo**, de Martina Davidson. Davidson nos convida a perceber, a partir de Ana Tsing, em que medida os encontros entre formas de vida humanas e não humanas confrontam o capitalismo em seu dinamismo global no tempo presente.

Já em **Cenas do corpo da Terra: o pensamento ctônico de Haraway sobre a corporificação terrana para além do homo e seu antropoceno**, Matheus Henrique da Mota Ferreira problematiza a relação entre a crise climática, em decurso no capitalismo tardio, e os modos de corporificação das criaturas terranas. A partir disso, Mota Ferreira nos mostra a íntima articulação entre as engrenagens do capitalismo e o antropocentrismo.

Diana Karina Chaparro Baeza mobiliza uma perspectiva decolonial e ecofeminista para pensar, no artigo **Vidas descartadas, resistencias compartidas: animales, desiertos y vejeces frente al capital**, de que modo o capitalismo neoliberal descarta animais, idosos e desertos no norte do México. O artigo de Chaparro Baeza articula filosofia política e antropologia no mapeamento das violências perpetradas a humanos e mais que humanos no bojo do capitalismo.

No artigo **Limites das ontologias da competição: economia e geopolítica à luz da continuidade evolutiva**, Hugo Vedovato propõe a resignificação do sentido filosófico de humanidade a partir da centralidade da cooperação em distinção à dinâmica antropocêntrica da dominação dos humanos sobre os animais, a qual, de acordo com Vedovato, instancia a lógica capitalista da competição e da desconfiança.

David A. Varela Trejo nos apresenta o ensaio **Altereología y ¿Pensamiento tortuga? Ensayo antropológico sobre el misterio y la muerte**,

A força dos animalismos e das ecologias

Anahí Gabriela González, Cassiana Lopes Stephan, Polyana Tidre e Julieta Campos

onde discute as concepções de mistério e morte com base na experiência atinente à conservação das tartarugas marinhas na Costa Chica de Oaxaca, no México. A partir de sua análise filosófico-antropológica, Varela Trejo nos permite distinguir entre necropolíticas e necropoéticas.

Na sequência, encontramos **Las nociones de territorio em *habitar como un pájaro***, de Leticia Flores Farfán e Armando Villegas Contreras. Nesse artigo, Flores Farfán e Villegas Contreras questionam, com base nas análises de Vinciane Despret acerca dos pássaros, os modos de viver e de habitar o mundo no neoliberalismo, calcado nos ideais de competência e propriedade.

Também contamos com a tradução, realizada por Julieta Campos, de **Cuidado atento hacia la liberación animal para las palomas bravías y más allá**, de Maria Martelli. Martelli volta o olhar às pombas para com elas imaginar as cidades multiespécies, as quais se estabelecem na coexistência não violenta entre humanos e mais que humanos.

Finalizamos nosso dossiê com a tradução, realizada por Iván Darío Ávila Gaitán, de **Los derechos de los animales – Sunday Times, 10 de octubre de 1965. Republicación crítica en homenaje a los 60 años de su primera publicación**, de Brigid Brophy. Nesse texto, Brophy denuncia os mecanismos mortíferos que movem e são movidos pelo capitalismo, sistema que nos impede de sentir e de imaginar outros modos de nos relacionarmos com os demais animais, na medida em que nos enreda em dinâmicas de violência política e de crueldade ética.

*

Não precisamos e nem mesmo podemos nos contentar com o vazio ético do capitalismo que nos imobiliza e que, sob a lógica da ameaça, insiste em cravar a impunidade face à dor do outro, sem o qual nada somos.

Anahí Gabriela González, Cassiana Lopes Stephan,
Polyana Tidre e Julieta Campos
coordenadoras do dossiê

Bibliografia

Bensusan, H. *Memory Assemblages: Spectral Realism and the Logic of Addition*.
Dublin: Bloomsbury, 2024.

A força dos animalismos e das ecologias

Anahí Gabriela González, Cassiana Lopes Stephan, Polyana Tidre e Julieta Campos

Brown W (2019). *As ruínas do neoliberalismo: a ascensão antidemocrática no ocidente*. São Paulo: Editora Filosófica Politeia.

Butler, J (2024). *A força da não-violência: um vínculo ético-política*. São Paulo: Boitempo.

Cavallero, L; Gago, V (2024). *A casa como laboratório: finanças, moradia e trabalho essencial*. São Paulo: Elefante.

Moore, J. W (2017). The Capitalocene, Part I: on the nature and origins of our ecological crisis, *The Journal of Peasant Studies*.

Saito, K (2024). *O Capital no Antropoceno*. São Paulo: Boitempo.

Serratos, F (2020). *El capitaloceno: Una historia radical de la crisis climática*. Festina/ UNAM: México.

EDITORIAL

LA FUERZA DE LOS ANIMALISMOS Y LAS ECOLOGÍAS FRENTE A LAS RUINAS DEL CAPITALISMO

Este dossier está inspirado en el II Coloquio *Hegel, Marx y la Contemporaneidad: crisis ecológica y puntos de ruptura*, que tuvo lugar en la Universidad Federal de Paraná (UFPR/Brasil) del 5 al 8 de noviembre de 2024. En este encuentro, tratamos temas vinculados a problemas ambientales y animales, abordando conceptos y cuestiones como “naturaleza”, “medio ambiente”, “crisis ecológica”, “revolución”, “metabolismo”, “necesidad-libertad”, “materia-espíritu”, “animalismo”, “espectralidad”, “cosmos”, “posthumanismos”, “Antropoceno”, “Capitaloceno”, entre otros.

Nuestra intención fue considerar las crisis ecológica y animal ante el capitalismo tardío. Por lo tanto, cuestionamos la separación entre ciencias naturales y humanidades, o las formas de pensamiento no occidentales, así como la separación antropocéntrica entre humanos, medio ambiente y animales.

El Coloquio del HMC ofreció un debate transversal entre Hegel y los hegelianismos, Marx y los marxismos, las filosofías postestructuralistas y las filosofías de la diferencia. Además, nuestro encuentro fomentó el intercambio entre la filosofía y otras áreas del conocimiento, como la biología, la educación, la ecología, la antropología y la economía.

El segundo volumen de RLECA (2025) evoca la segunda edición de HMC al problematizar el poder de los animalismos y las ecologías frente a las ruinas del capitalismo. Este poder se refiere a la resistencia inherente a la praxis animalista y ecológica que busca desmovilizar los mandatos del imperialismo respecto a las masacres perpetradas contra pueblos humanos y más que humanos. Por lo tanto, la pregunta que guía precisamente nuestro número es: ¿qué pueden hacer los animalismos y las ecologías frente a las ruinas del capitalismo?

Sabemos que el cambio radical de nuestro tiempo depende de una experiencia comunitaria no antropocéntrica y de acciones éticas, pero también de proyectos políticos que no se alineen con las venas abiertas del imperialismo,

A força dos animalismos e das ecologias

Anahí Gabriela González, Cassiana Lopes Stephan, Polyana Tidre e Julieta Campos

cuya voluntad de poder, además de estructurar las dinámicas de opresión social que generan inseguridad alimentaria, inseguridad sanitaria y violencia patrimonial vinculada a la vivienda, también estructura nuestra vida psíquica. Por lo tanto, un cambio radical parece depender de una profunda transformación en la forma en que concebimos y nos relacionamos con otros animales y el medio ambiente.

Con esto en mente, abrimos nuestro dossier con el artículo **Capitalismo e esquizofrenia: desejo, crise climática e neoliberalismo**, de Ádamo da Veiga, que nos permite pensar tanto la dimensión planetaria del capitalismo como su dimensión subcutánea en lo que respecta a la captación del sexo, del deseo y de los afectos.

A continuación, nos encontramos con **Fricciones y asambleas: explorando alianzas y entrelazamientos multiespecie en las ruínas del capitalismo**, de Martina Davidson. Davidson nos invita a percibir, a partir de Ana Tsing, en qué medida los encuentros entre formas de vida humanas y no humanas confrontan al capitalismo en su dinamismo global en el tiempo presente.

Ya en **Cenas do corpo da Terra: o pensamento ctônico de Haraway sobre a corporificação terrana para além do homo e seu antropoceno**, Matheus Henrique da Mota Ferreira problematiza la relación entre la crisis climática, en curso en el capitalismo tardío, y los modos de corporificación de las criaturas terranas. A partir de ello, Mota Ferreira nos muestra la íntima articulación entre los engranajes del capitalismo y el antropocentrismo.

Diana Karina Chaparro Baeza moviliza una perspectiva decolonial y ecofeminista para pensar, en el artículo **Vidas descartadas, resistencias compartidas: animales, desiertos y vejees frente al capital**, de qué modo el capitalismo neoliberal descarta animales, personas mayores y desiertos en el norte de México. El artículo de Chaparro Baeza articula filosofía política y antropología en el mapeo de las violencias perpetradas contra humanos y más-que-humanos en el seno del capitalismo.

En el artículo **Limites das ontologias da competição: economia e geopolítica à luz da continuidade evolutiva**, Hugo Vedovato propone la resignificación del sentido filosófico de humanidad a partir de la centralidad de la cooperación, en distinción de la dinámica antropocéntrica de dominación de los humanos sobre los animales, la cual, de acuerdo con Vedovato, instaura la lógica capitalista de la competencia y de la desconfianza.

A força dos animalismos e das ecologias

Anahí Gabriela González, Cassiana Lopes Stephan, Polyana Tidre e Julieta Campos

David A. Varela Trejo nos presenta el ensayo **Alterecología y ¿Pensamiento tortuga? Ensayo antropológico sobre el misterio y la muerte**, donde discute las concepciones de misterio y muerte a partir de la experiencia vinculada a la conservación de las tortugas marinas en la Costa Chica de Oaxaca, en México. A partir de su análisis filosófico-antropológico, Varela Trejo nos permite distinguir entre necropolíticas y necropoéticas.

A continuación, encontramos **Las nociones de territorio en *Habitar como un pájaro***, de Leticia Flores Farfán y Armando Villegas Contreras. En este artículo, Flores Farfán y Villegas Contreras, a partir de los análisis de Vinciane Despret acerca de las aves, cuestionan los modos de vivir y de habitar el mundo en el neoliberalismo, sustentado en los ideales de competencia y propiedad.

También contamos con la traducción, realizada por Julieta Campos, de **Cuidado atento hacia la liberación animal para las palomas bravías y más allá**, de Maria Martelli. Martelli dirige la mirada hacia las palomas para imaginar, junto a ellas, las ciudades multiespecie, las cuales se establecen en la coexistencia no violenta entre humanos y más-que-humanos.

Finalizamos nuestro dossier con la traducción, realizada por Iván Darío Ávila Gaitán, de **Los derechos de los animales – Sunday Times, 10 de octubre de 1965. Republicación crítica en homenaje a los 60 años de su primera publicación**, de Brigid Brophy. En este texto, Brophy denuncia los mecanismos mortíferos que mueven y son movidos por el capitalismo, sistema que nos impide sentir e imaginar otros modos de relacionarnos con los demás animales, en la medida en que nos enreda en dinámicas de violencia política y de crueldad ética.

*

No necesitamos ni siquiera podemos conformarnos con el vacío ético del capitalismo que nos inmoviliza y que, bajo la lógica de la amenaza, insiste en afianzar la impunidad frente al dolor del otro, sin el cual nada somos.

Anahí Gabriela González, Cassiana Lopes Stephan,
Polyana Tidre e Julieta Campos
coordinadoras del dossier

A força dos animalismos e das ecologias

Anahí Gabriela González, Cassiana Lopes Stephan, Polyana Tidre e Julieta Campos

Bibliografía

- Bensusan, H. *Memory Assemblages: Spectral Realism and the Logic of Addition*. Dublin: Bloomsbury, 2024.
- Brown W (2019). *As ruínas do neoliberalismo: a ascensão antidemocrática no ocidente*. São Paulo: Editora Filosófica Politeia.
- Butler, J (2024). *A força da não-violência: um vínculo ético-política*. São Paulo: Boitempo.
- Cavallero, L; Gago, V (2024). *A casa como laboratório: finanças, moradia e trabalho essencial*. São Paulo: Elefante.
- Moore, J. W (2017). The Capitalocene, Part I: on the nature and origins of our ecological crisis, *The Journal of Peasant Studies*.
- Saito, K (2024). *O Capital no Antropoceno*. São Paulo: Boitempo.
- Serratos, F (2020). *El capitaloceno: Una historia radical de la crisis climática*. Festina/ UNAM: México.